

## **A arte de morar só e ser feliz na velhice**

*The art of living alone and be happy in the elderly*

Divina Fátima Santos  
Ana Maria R. Tomazzoni  
Flamínia Manzano Moreira Lodovici  
Suzana da A.Rocha Medeiros

**RESUMO:** Este estudo visa a analisar os motivos que levam uma pessoa a viver sozinha na terceira idade e o que ela pensa a respeito da ILPI - Instituição de Longa Permanência para Idosos. Como uma das etapas da pesquisa, realizamos entrevistas com 15 pessoas idosas que vivem sozinhas, de ambos os sexos, com idades variando dos 60 aos 93 anos e diferentes graus de instrução, que vivem em São Paulo, Grande ABCD (SP) e em uma cidade de Santa Catarina. Nosso objetivo inicial foi tentar entender as razões pela opção solitária de moradia, uma vez que vem crescendo o número de pessoas idosas que vivem sozinhas, em parte devido à longevidade humana que ora se verifica. Trata-se de uma análise qualitativa efetuada a partir das respostas dos idosos entrevistados, obtidas no primeiro semestre de 2010. Verificou-se que morar só, no sentido de ter autonomia, independência, pode ser desejo de muitas pessoas como condição para ser feliz, embora se constate quase como uma impossibilidade para grande parte da população.

**Palavras-chave:** Moradia; Velhice; Viver Só; Independência.

**ABSTRACT:** *The study in question analyzes the reasons why a person lives alone in old age and what old people think about the Institution of Long Term Elderly. To help us in the research we carried out interviews with 15 elderly people living alone, of both genders, with ages ranging from 60 to 93 years and with different levels of education - from housewives to doctors, who live in Sao Paulo, Santa Catarina and the cities of ABCD. Our goal was to try to understand the reasons for their choice of housing because it has increased the number of elderly people living alone at present due to human longevity. This is a qualitative analysis based on responses from interviews with elderly people, which occurred in the first half of 2010.*

**Keywords:** *Housing; Old Age; Living Alone; Independence.*

## Velhice e Moradia

O Brasil, do mesmo modo que outros países desenvolvidos, já sabe que tem um novo desafio – a velhice – com as consequências que isso acarreta. Uma delas é a questão de onde morar. Até agora falávamos em convivência de três gerações; doravante teremos de inserir uma quarta geração, pela maior expectativa de vida apresentada pelas pessoas, conforme dados da OMS (Organização Mundial de Saúde). A estimativa da OMS é de que existam 670 milhões de homens e mulheres com mais de 60 anos no mundo. Em 2050, eles serão 1,97 bilhão, um crescimento de cerca de 200%.

A expectativa de vida da humanidade, que era de 50 anos em meados do século XX, saltou para 80 anos em 2010. No Brasil era de 43 anos em 1945, e hoje é de 73. O IBGE já projeta uma inversão no perfil demográfico do país, com mais idosos do que jovens, para logo mais, em 2030, ou seja, dentro de 20 anos.

Esses números dão uma clara dimensão da reflexão necessária e das medidas que têm de ser tomadas por governos, sociedades, empresas e pessoas, para que todos possam enfrentar na hora certa o que a nova realidade começa a impor.

Ao falar em velhice, faz-se necessário pensar de forma ampla e desse modo compreender o envelhecimento como fenômeno multifacetado e particularizado ao mesmo tempo, pois a velhice é constituída por características específicas (biológicas, sociais, psicológicas, históricas, culturais, de gênero) que formam um todo, o complexo ser idoso.

Essa complexidade, associada à diversidade desse ser idoso, revela comportamentos, ações e desejos únicos e heterogêneos, diretamente interligados na relação entre ser e ambiente e, nesse contexto, entre o idoso e sua moradia.

Vemos, portanto, que a relação entre o idoso e sua moradia representa a expressão de sua identidade, com as suas marcas significativas e pessoais, para a construção de seu meio de proteção e de bem-estar, um espaço próprio sob seu domínio e controle.

Litch e Prado (2002) destacam que para muitos idosos o espaço social acaba sendo tudo o que possuem. Nesse sentido, é importante destacar os laços estabelecidos com os objetos, as pessoas e o ambiente para a manutenção de seu equilíbrio e de sua própria identidade.

Cunha (2003), por sua vez, faz uma reflexão intrigante sobre alguns novos arranjos residenciais do mundo contemporâneo; segundo o autor, estes tendem a dissolver a ideia de que o bem-estar na velhice esteja ligado necessariamente às intensidades das relações e dos convívios familiares e intergeracionais. Outros fatores também entram em jogo e muitos deles de ordem muito particular a cada idoso.

Isso tudo nos leva a pensar no caso de um idoso que mora sozinho e a perguntar sobre como ele se relacionaria com os objetos próximos a ele, com as pessoas, com o ambiente em que vive; que outros fatores interviriam ou seriam responsáveis pela opção da moradia unipessoal.

Nessa direção, a partir dos conhecimentos sobre as relações do idoso com seu entorno e com sua própria singularidade de idoso é que se nos aguçou o desejo de saber mais sobre como pode ser a vida de um idoso que mora só.

Rybczynski (2002), importante arquiteto, em seu livro *Casa: pequena história de uma ideia*, faz um relato histórico-antropológico sobre a habitação e a função da casa ao longo dos séculos, descrevendo os ambientes, móveis, e objetos e o significado do conforto.

Para ele, a casa é o nosso canto no mundo. Nela, guardamos nossa intimidade, e por mais simples que ela pareça aos nossos olhos, é a mais bela. Em nossa casa, guardamos nossos tesouros e nossa intimidade. Pode-se dizer também que a casa é um lugar que permite interligar pensamentos, lembranças, sonhos e devaneios. Ela é o berço, o aconchego e a proteção desde o nascimento de uma pessoa. Assim sendo, ela é o nosso paraíso material. As lembranças de uma casa estão guardadas na memória, no inconsciente e nos acompanham durante toda a vida. (Martines, 2008).

Os sentimentos que colocam o cérebro, a mente e o corpo trabalhando em conjunto e interagindo com o meio permitem a troca de informações e emoções. Estas emoções, para Damásio (1996), são indispensáveis para a racionalidade e são os sensores entre a nossa natureza e as circunstâncias. Esta natureza se refere tanto àquela que herdamos, como ao conjunto de adaptações geneticamente estabelecidas, como as que adquirimos por via do desenvolvimento individual, por meio de interações com o ambiente, quer de forma voluntária, quer involuntária, para assim interpretarmos o mundo.

A partir desse olhar, falar de velhice torna-se um grande desafio, segundo Damásio (1996). Assim sendo, é preciso explorar, planejar, pesquisar, interpretar e ter muito cuidado ao descrever o indivíduo vivo e seus sentimentos.

Falar em velhice é também lembrar de ambientes que a ela se ligam de uma forma ou de outra, tais como os das ILPIs – Instituições de Longa Permanência para Idosos. Trata-se de estabelecimentos para um atendimento integral institucional, que têm como público-alvo pessoas acima dos 60 anos, dependentes ou independentes, que, por diferentes motivos, não dispõem de condições para permanecer junto com suas famílias ou em seu domicílio. Essas instituições apresentam, segundo suas especificidades, diferentes denominações, tais como: abrigo, asilo, lar, casa de repouso, flat, hotel residencial ou clínica geriátrica. Em geral, empregam diferentes profissionais de várias áreas, visando ao atendimento médico, psicológico, fisioterápico e odontológico, conforme a necessidade de cada segmento etário. Segundo o manual de funcionamento das ILPIs, as modalidades de atendimento são de acordo com a avaliação das atividades de vida diária dos idosos e também das suas condições financeiras.

Existem algumas nomenclaturas e definições mais utilizadas no Brasil. Simões (2002) utiliza a palavra “Casa Lar” em suas pesquisas para fazer algumas reflexões sobre o papel do Estado, da sociedade e dos velhos no que diz respeito ao morar, à segurança e à convivência entre as pessoas, às mudanças do mundo contemporâneo e às novas e complexas estruturas das famílias na atualidade. Já Guerreiro (2006) analisa e aponta as chamadas “Repúblicas de Idosos”, outra nomenclatura para as ILPIs, como um modelo alternativo de moradia que garante aos idosos qualidade de vida, promovendo sua individualidade e autonomia. Esse modelo é administrado pelos próprios moradores, segundo a pesquisadora.

Em seus estudos, Greven (2006) cita “Flats” e “Hotéis Residenciais” como possibilidades de moradia que oferecem atividades e socialização, com atendimento interdisciplinar, permitindo ao idoso e à família com alto poder econômico novos laços relacionais e atendimento satisfatório.

O termo “Asilo” ou “Casa de Assistência Social”, local que recebe pessoas sem condições financeiras e oferece sustento e “assistência” de saúde, foi abordado, em seus problemas e qualidades, pela pesquisadora Ursula Herold (1993).

Existem no Brasil algumas leis que dão suporte e diretrizes para o funcionamento e regulamentação das Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs, a saber: Portaria 810/89 do Ministério da Saúde, que fixa normas para o

funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento do idoso; Lei 8842/94 – Política Nacional do Idoso, que prioriza o atendimento aos idosos por meio de suas próprias famílias, em detrimento do atendimento asilar, à exceção dos idosos que não possuam condições que garantam sua sobrevivência; Lei 1948/96 que regulamenta a Política Nacional do Idoso.

A assistência na modalidade asilar ocorre via de regra no caso da inexistência de um grupo familiar, do abandono do idoso, pela carência de recursos financeiros próprios ou da própria família.

Por fim, o Capítulo IX do Estatuto do Idoso, artigo 37, afirma: “O idoso tem direito à moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou ainda em instituição pública ou privada”. Foi com esse propósito de reforma que foi criado o modelo de atendimento das ILPIs.

Em função de o idoso em sua moradia unipessoal ser o foco deste estudo, interessou-nos saber o que lhe possibilita diferenciar-se daquele idoso que não tem outra opção senão ser acolhido por uma ILPI.

## **Metodologia**

Na pesquisa aqui em pauta, utilizamos uma abordagem de análise qualitativa que permitiu uma riqueza na construção do saber, a partir de uma aplicação de entrevistas semiestruturadas (segundo Minayo, 2000), constituídas de perguntas abertas e fechadas. A escolha desse instrumento permitiu ao entrevistado a possibilidade de falar do tema proposto, sem respostas ou condições estruturais, fazendo evidenciar seu sistema de valores, de normas e símbolos. Além disso, com respeito à subjetividade, tentando dar escuta à singularidade de cada entrevistado participante da pesquisa.

Esta pesquisa inclui idosos de ambos os sexos, moradores de cidades com perfis diferentes (a região metropolitana da capital paulistana e uma cidade interiorana de Santa Catarina), para possibilitar algumas indicações de um cenário constituído de diversificadas identidades, particularidades, saberes, sentidos e culturas. Esta pesquisa entrevistou pessoas que moram sós e que são ativas, no ano de 2010.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) adotou o termo “envelhecimento ativo” para denominar o envelhecimento como uma experiência positiva, acompanhada

de oportunidades de manutenção da saúde, da segurança e a participação ativa em questões familiares, sociais, econômicas, culturais e espirituais.

Ainda que o envelhecimento seja um processo biológico universal, independente, portanto, de nossa vontade, temos a capacidade (humana, individual e única) de modificar nosso estilo de vida, pensamentos, ações que nos envolvem ao planejar e elaborar projetos de vida que influenciem decisivamente na maneira como se vive a velhice, na relação com o mundo e na forma de moradia.

Pensando assim, é que passamos a escutar os idosos deste estudo. Em alguns casos, durante a entrevista foi importante e necessário fazer anotações sobre a forma como os entrevistados falavam de si, de sua opção por uma moradia unipessoal, e por várias vezes eles solicitavam que a pergunta fosse repetida, o que para nós foi sintomático de algo que estranhavam em nossas perguntas a eles dirigidas, talvez até pela possibilidade de falarem abertamente sobre sua condição de idosos optantes pela autonomia de residirem sós.

Procuramos fazer da entrevista – principalmente para aqueles que não tinham muita agilidade na escrita – um momento de descontração, para assim poder ouvi-los e deixá-los à vontade a fim de contar o que sentiam realmente a respeito de cada questão.

### **Análise das Respostas das Entrevistas**

Cada ser humano é um cosmos, cada indivíduo é uma efervescência de personalidades virtuais, cada psiquismo secreta uma proliferação de fantasmas, sonhos, ideias. Cada um vive, do nascimento à morte, uma tragédia insondável, marcada por gritos de sofrimento, de prazer, por risos, lágrimas, desânimos, grandeza e miséria. Cada um traz em si tesouros, carências, falhas, abismos. Cada um traz em si a possibilidade do amor e da devoção, do ódio e do ressentimento, da vingança e do perdão. Reconhecer isso é reconhecer também a identidade humana.

Morin & Kern (1995, citado por Brandão, V., 2009: 212).

Ao analisar as respostas dadas pelos idosos entrevistados, notamos duas vertentes de opiniões: a primeira, na maioria dos casos, quando o idoso vive sozinho por circunstâncias da vida, pois não o fora pela opção de viver só, mas sim uma fatalidade marcada pela viuvez, pela separação conjugal ou simplesmente por não possuir família. Portanto, só lhe restou uma única alternativa: viver sozinho. A segunda, mesmo em alguns casos considerando as fatalidades acima e mesmo tendo possibilidade de morar com familiares, ainda assim o idoso optou por morar só.

Uma vez que sozinhos, encontramos, nas respostas dos questionários, referências indicativas da preocupação de alguns idosos em não conseguirem se adaptar à vida nas casas de filhos e netos, ou em outra cidade, pois acreditavam que estariam incomodando os familiares e que perderiam seus espaços de liberdade e autonomia, já que abandonariam suas próprias casas. Um dado relevante é que todos os idosos desta pesquisa dispõem de aposentadoria e são os proprietários da casa onde residem, são independentes financeiramente e nenhum deles apresenta problemas de saúde que interfiram em sua autonomia. Estes são fatores que entendemos como determinantes para a primeira opção.

A seguir, esses idosos responderam sobre as vantagens e desvantagens de viver sós. No que se refere às vantagens, encontramos referências a conceitos de grande importância, tais como liberdade, independência, autonomia, poder fazer as coisas da forma e na hora que se deseja sem ter que dar satisfação aos outros, ter a opção de ver na TV os programas de preferência e, no momento desejado, ter a liberdade de fazer trabalhos manuais ou até mesmo poder viajar e conversar com os vizinhos sem ser incomodado ou até mesmo censurado pelos filhos e/ou família.

Grande parte dos idosos respondentes à nossa entrevista afirmou que a solidão é a maior desvantagem de quando se vive só, sendo esse sentimento muito recorrente no período da noite, quando percebem que, de fato, estão sozinhos e sem ter com quem conversar. É justamente neste momento que o sentimento de tristeza aperta o coração, levando, às vezes, à depressão. Alguns mencionaram o temor de sofrer algum acidente e não ter a quem recorrer. Esses idosos sentem-se incomodados quanto à necessidade de pedir favores a estranhos, bem como a obrigatoriedade de avisar os filhos cada vez que vão à consulta médica. Contudo, sentem-se muito bem ao longo do dia com suas ocupações diárias. Uma senhora afirmou que todos os dias ela conversa com suas plantas e que estas lhes dão a sensação de estar acompanhada.

O ato de comunicar-se é uma característica intrínseca ao ser humano: utilizamos da linguagem e do pensamento para nos comunicar e assim nos diferenciamos dos outros animais. Comunicamo-nos até mesmo com as plantas e com os animais quando não existe outra pessoa por perto para interagirmos. (Teixeira, 2004); tal como faz a senhora mencionada ao afirmar que, ao conversar com suas plantas, não se sente sozinha.

A possibilidade de poder contar ou não com o auxílio dos vizinhos também foi lembrada nas entrevistas, e verificamos que a grande maioria dos idosos mantém boas relações com a vizinhança, além de trocarem favores mutuamente; alguns chegaram a afirmar que os vizinhos, na verdade, são grandes amigos ou até mesmo os consideram como membros da família, pois uns se preocupam com os outros, além de fazerem inúmeras programações culturais, tais como viajar, ir ao cinema, tomar chá etc. Apenas uma pequena parcela dos entrevistados afirmou que suas relações com os vizinhos resumiam-se ao básico, justificando que gostavam de privacidade ou que se achavam geniosos. Ter filhos morando na vizinhança deixa alguns idosos mais tranquilos e seguros, pois sabem que, embora estejam sozinhos, poderão contar com um familiar diante de algum imprevisto.

Ao serem questionados sobre as Instituições de Longa Permanência para Idosos - ILPIs, percebemos que os entrevistados pouco ou nada conhecem sobre essa forma de moradia; boa parte deles nunca pensou a respeito. Quando conhecem, é por possuírem algum colega idoso interno ou é por meio de reportagens da TV. Com base nessas reportagens, afirmam que essas instituições são depósitos de velhos ou fazem referências às moradias de custos elevados e sabem que não poderão pagar por elas. Alguns afirmaram ser inaceitável ter e criar filhos para na velhice serem abandonados por eles nesses locais. Boa parte desses idosos olha as ILPIs como lugar de pessoas abandonadas e sem família, sobretudo quando a idade é mais avançada.

Nesse sentido, Born (2001) chama a atenção sobre o despreparo das pessoas para com o próprio envelhecimento. Ele fez algumas ponderações sobre a conduta e o pensar das pessoas, uma vez que estas criam e educam seus filhos, dedicando-se totalmente a eles, na certeza de que, quando envelhecerem, os filhos estarão por perto. Mas isso nem sempre acontece na atualidade em função das grandes mudanças e da complexidade das famílias modernas.



Apenas uma senhora entrevistada de 60 anos afirmou pensar a respeito, pelo fato de não ter família e pela preocupação de um dia não poder mais estar sozinha. Alegou que deseja conhecer algumas ILPIs e, se possível, trabalhar como voluntária nessas casas e já se preparar para morar numa delas no futuro.

As opiniões dos entrevistados a respeito das ILPIs se dividem, pois pouco ou nada conhecem a respeito delas e por isso não tiveram condições de se aprofundar em relação ao seu funcionamento, número de pessoas, localização, dormitórios, lazer e equipe de profissionais. A maioria das respostas sobre as ILPIs foram superficiais e em alguns casos não existiram respostas.

Constatamos que existe uma forte rejeição por parte desses idosos no que se refere à possibilidade de morar em ILPIs, já que nos pareceu que para a maioria deles foi angustiante pensar a respeito quando foram questionados sobre o assunto.

Morar em uma ILPI é uma forma de moradia que não passa pela cabeça dos idosos aqui entrevistados, sobretudo os de idades mais avançadas e residentes em Santa Catarina, já que para eles, mais que os da região metropolitana paulistana, é dever da família oferecer suporte e cuidar do idoso. É de senso comum, na região sulista do país, a afirmação de que “Muitos dos idosos, hoje na faixa de 70 anos, são descendentes de europeus e carregam consigo a cultura de que o último filho herda a propriedade em que residem, porém cuida dos pais até o fim da vida.

Para muitos idosos, morar numa casa de repouso é o mesmo que ser abandonado pela família. Embora morem sozinhos, vivem assim porque se tornaram viúvos ou separados, o que para eles é diferente de ser abandonado em uma ILPI pelos filhos.

*“Nunca pensei a esse respeito, nunca procurei. Quando não tiver condições de me aguentar, espero morrer de repente sem dar trabalho para ninguém. Não quero viver vegetando, sou a favor da eutanásia”*: esta foi a resposta de um entrevistado ao ser questionado sobre esse tipo de moradia. Contudo, esse é um pensamento recorrente e o desejo da grande maioria das pessoas entrevistadas, pois todos querem viver com qualidade de vida, ao mesmo tempo em que não desejam dar trabalho aos familiares.

Entre os comentários das respostas, a possibilidade de ter algum tipo de doença ou vegetar – ou seja, a perda da autonomia – e, ao mesmo tempo, poder decidir pelo fim da própria vida, como a eutanásia – muitas vezes impede uma pessoa de pensar e se aprofundar no assunto. Na visão de um entrevistado, as ILPIs são lugares de pessoas doentes à espera da morte e nesse lugar ele não deseja ficar.

Já com relação ao perfil de um acompanhante para estar com um idoso, encontramos várias semelhanças nas respostas dos questionários. Muitos mencionaram a necessidade de o cuidador ser carinhoso, paciente, gostar de sua função junto aos idosos, ser educado, respeitoso, conhecedor das limitações e necessidades da pessoa idosa, agradável e humano, com conhecimentos específicos sobre o ser que envelhece. Contudo, alguns afirmaram que nada substitui um cuidador da própria família. Todos os idosos que responderam a esta pesquisa são saudáveis e independentes.

Quanto à questão que faz referência ao local onde estarão morando em 2030, boa parte dos idosos não conseguiram responder diretamente, desviando-se do assunto e falando de outras coisas, talvez por não terem a total compreensão da questão ou por não se sentirem à vontade sobre o assunto. Já os mais velhos foram enfáticos, afirmando que estarão no cemitério ou no céu, pois não acreditam que viverão tantos anos. Os mais jovens acreditam que continuarão em suas casas ou na casa de filhos e netos. Alguns ficaram impactados e surpresos com a questão, pois não sabiam exatamente o que responder, afirmando que se tratava de um assunto a ser pensado.

Os idosos aqui entrevistados acreditam que um lugar agradável para se viver é um local limpo, de fácil acesso, arborizado, organizado, espaçoso, com inúmeras atividades para fazer, tais como: leituras, caminhadas, passeios e brincadeiras. Para eles, além de poderem se reunir e conversar com amigos, é também muito importante ter a liberdade de cultivar plantas e jardins e fazer artesanatos, dentre outras coisas; aliás, na maioria dos casos, é isso o que eles fazem atualmente em suas casas. A família foi novamente lembrada, pois, para estes idosos, nada substitui o amor e o convívio familiar. No entanto, segundo uma das entrevistadas, é preciso semear amor e acolhimento para que, quando estiver velho, a família reconheça e retribua esse ensinamento.

Goldfarb e Lopes (2006: 1378) fazem algumas considerações sobre a família, pois nem sempre a importância que a família tem para o idoso parece corresponder à importância do idoso para a família: “Os parâmetros de intimidade guardam dimensões bem diferentes para o idoso e para os outros membros do grupo familiar”.

Nos questionários, também foi perguntado como esses idosos se preparam para o futuro. Os idosos de cidade ao oeste de Santa Catarina, na sua maioria, deixaram claro que ter amigos é a melhor maneira de se sentirem acolhidos, longe da solidão e

depressão, participando de atividades culturais, sociais, esportivas e até coisas mais simples, como cuidar da casa, fazer o trabalho doméstico, cuidar do jardim e de animais de estimação etc. Tudo isso os ajudava a se manterem saudáveis, atuantes e felizes quanto ao futuro.

Nas respostas dos idosos da região metropolitana de São Paulo apareceu também, muito fortemente, a questão do poupar o máximo de dinheiro quanto possível para eventualidades futuras, inclusive com alguns já pensando na possibilidade de viver em ILPIs, coisa que estava fora de discussão para os idosos da cidade interiorana de Santa Catarina. As respostas para as demais atividades – cuidar da saúde, fazer atividades culturais, físicas e sociais, manter boas relações com amigos e familiares – foram semelhantes.

A universidade aberta foi citada por alguns idosos como um local para se manterem ativos e atualizados, para encontrarem amigos e sentirem-se vivos e participantes do mundo globalizado, sem serem chamados de velhos desinformados e ultrapassados. Os idosos que frequentam a universidade aberta afirmaram que conquistaram o prazer pelo saber, coisa que antes, devido ao trabalho e à criação dos filhos, nem sempre foi possível. Afirmaram também que estariam em depressão se não estivessem fazendo nada para preencher o tempo em suas vidas, já que moram sozinhos.

Assim, vemos que cada região pesquisada aqui apresenta suas particularidades. Os idosos da cidade interiorana de Santa Catarina trabalhavam muito com jardins e plantas, cuidavam de seus bichos de estimação e da casa e com isso se distraíam. Para os idosos da região metropolitana de São Paulo, cuidar de plantas e de jardins nem sempre é possível, talvez devido ao tipo de moradias em que vivem – geralmente em prédios de apartamentos. Nesse caso, participar de atividades fora de casa é uma das formas encontradas por estes entrevistados para fazer amigos e preencher o tempo.

Contudo, a maioria absoluta dos idosos entrevistados participa de inúmeras atividades com amigos fora de casa e mostram-se muito dinâmicos e ativos.

### **Considerações Finais**

Se para alguns idosos “morar só” representa uma opção colocada como a arte de ser feliz, para muitos outros esta forma de moradia escapa totalmente à vontade pessoal.

O crescimento no número de idosos que residem de modo unipessoal, na verdade, é revelador das transformações do mundo atual, tanto relativamente aos arranjos familiares, quanto às possibilidades e interesses de novos horizontes dos que envelhecem.

Entende-se que viver só não seja necessariamente o reflexo de um abandono do idoso pelos familiares; e nem que o próprio idoso deseje abandonar seus familiares; pode significar um novo arranjo para morar, uma nova forma de família extensa, na qual podem existir profundas trocas e assistências de parte a parte.

Como se viu em Cunha (2003), a satisfação dos idosos vai muito além de um convívio espacial e da idade cronológica. Sua satisfação se amplia na medida em que aumenta sua rede de amigos de modo que sua participação social seja reconhecida no meio em que vive.

Os entrevistados desta pesquisa nos revelaram que existe um elevado número de idosos com mais de 60 anos vivendo uma vida bastante ativa e na sua plenitude física e mental. Os participantes desta entrevista estão compartilhando plenamente da sociedade e fizeram suas escolhas para chegar a morar só. Evidentemente que isso depende muito da cultura e do local em que viveram a vida toda, pois hábitos e costumes enraizados tendem a ser difíceis de serem mudados.

Assim, sentimos que a maioria dos entrevistados da cidade interiorana de Santa Catarina não aceitam a ideia de instituições asilares; além disso acreditam ser um dever dos filhos dar suporte e apoio ao idoso na sua velhice. Contudo, essa forma de moradia (o asilo) vem crescendo de forma bastante significativa no mundo moderno em função das complexidades da vida contemporânea, da longevidade e do reduzido número de membros das famílias para o cuidado do idoso que lhes é de casa.

Perante essa realidade e com base em nossas pesquisas, argumentamos a favor da implantação efetiva de políticas públicas adequadas a esse novo perfil populacional. É fundamental adaptar nossas cidades para seus habitantes mais velhos, equacionar o sistema previdenciário para assegurar benefícios decentes a um contingente cada vez mais numeroso de idosos, reciclando e re-aproveitando o conhecimento em diversas áreas, como educação, saúde e assistência social.

As pessoas e a sociedade necessitam de uma preparação para que haja uma convivência saudável, positiva e harmônica entre gerações com integrantes em idades distantes e em estágios de capacidade produtiva e de sabedoria muito diferentes.

Segundo a pesquisadora e professora da PUC-SP, Suzana Medeiros (83 anos), existe a necessidade de as pessoas com mais de 60 anos se planejarem de forma mais adequada para essa outra fase da vida, até porque existem muitas coisas prazerosas e possíveis de serem realizadas pelo ser humano na velhice.

As pessoas entrevistadas, por exemplo, gostam de morar sozinhas pela liberdade que conquistam em suas ações e pelo desejo de fazer o que querem de cada momento.

Vale também destacar que, além de políticas públicas com relação aos idosos, as empresas privadas podem e devem aproveitar essa mão de obra experiente para inúmeras atividades que exigem mais paciência e conhecimento do que esforço físico e a juventude. O mercado pode se dar conta e reconhecer que essa faixa de idade mais madura se encaixa muito bem em todas as atividades e desempenha os papéis com maestria e sabedoria.

Esperamos que esta pesquisa – ainda em fase inicial quanto a seus resultados - possa estimular as pessoas a uma reflexão maior sobre as várias possibilidades de morar só na velhice e de suas exigências, assim como sobre as possibilidades de ser feliz também na velhice.

## Referências

Born, T. (2001). *Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha?* Considerações sobre a família, residência para idoso, (im)previdência social e outras coisas mais. *Revista Kairós Gerontologia*, 4(2). São Paulo: NEPE/Educ/PUC-SP.

Brandão, V. (2009). *A construção do Saber Gerontológico – Reflexões Interdisciplinares*. In: Valle, L.E.L.R.; Zarebski, G. & Valle, E.L.R. *Neurociência na Melhor Idade*. Ribeirão Preto (SP): Novo Conceito.

Cunha, M.C.A.B. (2003). *Asilos de Velhos: Espaços possível de vivência afetiva, de vida (in)digna?* Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP.

Damasio, A.R. (1996). *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras.

*Estatuto do Idoso*. Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília.

Greven, P. (2006). *Instituições para idosos: Uma nova cultura*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP.

- Goldfarb, D.C. & Lopes, R.G.C. (2008). Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas, E.V.; PY, L. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan: 1374-82.
- Guerreiro, M.A. (2006). *Vivendo, Convivendo, Sonhando. O Cotidiano dos idosos moradores nas repúblicas da Cidade de Santos*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP.
- Herold, U. (1993). O território comum, o espaço privado e o ser como os outros do idoso na instituição. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP.
- Licht, F.B. & Prado, A.R.A. (2002, dez.). *Idosos, cidade e moradia: acolhimento ou confinamento? Revista Kairós Gerontologia, 5(2): 67-80*. São Paulo.
- Martines, M.G.S. (2008). *O morar na velhice: Expectativa entre envelhecetes*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP.
- Minayo, M.C.S. (2000). *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo / Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO.
- OMS/OPAS. (2005). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Brasília (DF).
- Rybczynski, W. (2002). *Casa: pequena história de uma ideia*. Rio de Janeiro: Record.
- Simões, M. (2002). *Casa Lar – uma conquista dos idosos de rua*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP,
- Teixeira, R.P. (2004). *Sob a proteção da Vênus Cloacina: Diferenças sexuais e interculturais em grafitos de banheiro*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.

Recebido em 02/11/2010

Aceito em 29/11/2010

---

**Ana Maria Ruiz Tomazoni** - É pedagoga, especialista em arte culinária, técnica em nutrição, pós-graduada em hotelaria e cerimonial em eventos, Mestre em Gerontologia Social; pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Onde vamos morar em 2030?”; pesquisadora do GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade da PUC-SP e doutoranda em Educação na PUC-SP.

E-mail: anatomazoni@bol.com.br.

**Divina de Fátima dos Santos** - É pedagoga, psicóloga, psicopedagoga, psicodramatista, Mestre em Gerontologia Social da PUC-SP; pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Onde vamos morar em 2030?” e doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

E-mail: divinafs@ig.com.br

**Flamínia Manzano Moreira Lodovici** – Doutora em Linguística (IEL/Unicamp). Filiada ao Depart. de Linguística/FAFICLA/PUC-SP: orientadora de IC e TCC, docente em disciplinas da área da Linguagem. Pesquisadora, dentre outros Grupos de Pesquisa CNPq, do NEPE, onde coordena em parceria a pesquisa interdisciplinar “Onde vamos morar em 2030?”. Atualmente é professora do Programa de Gerontologia da PUC-SP.

**Suzana da A.Rocha Medeiros** – Doutora em Serviço Social, tendo sido laureada Professora Emérita, Decana da PUC-SP. Pesquisadora, Orientadora e Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/PUC-SP, Fundadora e coordenadora do NEPE-Núcleo de Ensino e Pesquisa do Envelhecimento/PUC-SP, onde coordena em parceria a pesquisa interdisciplinar “Onde vamos morar em 2030?”, tendo como integrantes, mestres, alunos-mestrandos e graduandos.